

ENSINO DO PORTUGUÊS EM UMA CLASSE BILÍNGUE

LUIZ GUSTAVO DE JESUS BARROSO¹; GABRIELA CHAVES MARRA²;
RAFAELA SIQUEIRA LUCAS³; ALINE NEUSCHRANK⁴

¹*Universidade Federal de Pelotas – luizsgbarroso@outlook.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – gabicmarra@uol.com.br*

³*Universidade Federal de Pelotas - rafaela-lucas@hotmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – neuschranks@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência de ensino da língua portuguesa para estudantes surdos, vivenciada pelos autores no Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto Letras da Universidade Federal de Pelotas, no período de março a setembro de 2023. O PIBID é um programa que visa a favorecer a iniciação à docência, auxiliando não somente na formação de docentes, como também contribuindo para a educação pública. Nesse projeto, estudantes bolsistas realizam, em escolas públicas, atividades didático-pedagógicas sob a orientação de uma professora da escola e a coordenação da docente de licenciatura da instituição de origem.

A escola onde este trabalho se realiza é o Instituto Estadual de Educação Assis Brasil, na cidade de Pelotas. O Assis Brasil está localizado na área central, foi fundado em 1929 e atende mais de dois mil estudantes em três turnos. A instituição de ensino apresenta educação infantil, ensino fundamental, ensino politécnico, curso normal, aproveitamento de estudos, classe especial para surdos e educação para jovens e adultos.

A perspectiva adotada é a do português como língua adicional, no âmbito do ensino da língua portuguesa. As turmas são 1º, 2º e 3º ano do ensino médio da educação especial para alunos surdos.

A Lei nº 10.436/02 reconhece a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) como meio legal de comunicação e expressão e determina que seja garantida a inclusão da disciplina de LIBRAS no currículo dos cursos de formação para professores e fonoaudiólogos (BRASIL, 2002).

Na BNCC, a ocorrência da perspectiva da análise linguística/semiótica vai ao encontro da necessidade dos alunos surdos, que precisam do ensino de língua portuguesa apoiado em metodologias visuais. Entretanto, nas salas de aula, o que se vê é um ensino de língua voltado para a estruturação de sentenças gramaticais, desconsiderando as vivências dos alunos e seus pontos de vista, como recomenda a BNCC (SANTOS *et al.*, 2020). As autoras discutem que, em relação a alunos surdos, o quadro é mais grave, pois muitas vezes há apenas decodificação de palavras fora de contexto.

O ensino do português para alunos surdos, segundo Almeida *et.al.* (2015) deve ser desenvolvido como o ensino de uma língua estrangeira, além de necessitar também ser contextualizado, explorando linguagens não verbais, com mediação da LIBRAS, para a discussão e aprofundamento dos conteúdos da língua portuguesa. Além disso, entende-se que seja um ensino que reconheça a presença do intérprete e constituído com atividades acessíveis aos alunos, levando em conta que o objetivo não é traduzir, mas torná-las compreensíveis (LACERDA, 2003).

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é compartilhar nossa experiência de levar aos alunos surdos conteúdos da língua portuguesa, contextualizados em situações de relações sociais atuais, além de exercícios gramaticais que auxiliem na produção textual.

2. METODOLOGIA

A metodologia aplicada parte dos princípios de Bakhtin em relação à sua teoria enunciativa da linguagem, considerando a interação como essencial na construção de conhecimentos. A inter-relação de sujeitos é a responsável por proporcionar a elaboração, a transformação e a (re)significação de conhecimentos que circulam nos espaços socioculturais, são esses conceitos que valorizam as percepções pessoais dos alunos para a compreensão dos contextos e dos fenômenos investigados nas atividades propostas ao longo dos meses, pois o tema central das atividades foram as desigualdades sociais (ALMEIDA; LACERDA, 2022).

O trabalho que está em andamento é realizado com as turmas de alunos surdos do 1º, 2º e 3º anos do ensino médio. As atividades são propostas com imagens e textos e são desenvolvidas junto com a intérprete de LIBRAS. Segundo Lacerda (2013), a partir de aulas voltadas para o visual os alunos aprendem os conteúdos apresentados em LIBRAS, favorecendo o aprendizado, daí a importância de um intérprete.

Os materiais utilizados são quadro e folhas com imagens que são entregues aos alunos. O tema trabalhado até o momento é a “desigualdade social”, trazido em tirinhas e fotos de situações reais. São feitas discussões em LIBRAS dentro do contexto que as imagens e as tirinhas estimulam. Após a compreensão dos alunos sobre o tema, é proposto que expressem por escrito.

Além disso, também são propostas atividades de compreensão de tempos verbais, adaptadas com imagens, e exercícios para conjugação com questões como: Quem pratica a ação na imagem e o que? Onde?

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das discussões propostas pelas atividades e pela interação dos alunos, é perceptível que houve um bom progresso nas três turmas do ensino médio, uma vez que todos conseguiram se apropriar e entender os termos que envolvem as desigualdades sociais como pobreza, riqueza, falta de acesso, saneamento básico e desigualdade de renda.

Em relação à língua portuguesa e o seu conteúdo gramatical, há ainda muita dificuldade na escrita para a articulação das ideias e também na conjugação verbal, o que acaba comprometendo uma produção textual. São compreensíveis as dificuldades demonstradas pelos alunos, pois eles estão em um contexto de língua portuguesa como língua adicional.

Assim, neste momento, as atividades realizadas estão focadas no trabalho com a conjugação verbal e estão acompanhando o progresso dos alunos. E para que se concluam os objetivos da proposta, estão sendo realizadas produções textuais semanais no 2º e no 3º ano, em que cada aluno precisa escrever sobre a sua rotina durante a semana. Visto a dificuldade que os alunos do 1º ano têm com o

português, está sendo realizada uma atividade semanal que consiste em escrever 5 frases sobre a rotina deles durante a semana. Ainda não há resultados dessa prática, dado que esta tarefa foi implementada nos últimos dias, portanto ainda não se sabe das produções dos alunos.

Inicialmente, os exercícios propostos configuraram atividades de compreensão textual sobre a desigualdade social por conta da falta de contato dos ministrantes com a realidade surda. Nesse sentido, tem-se, em Sanchez (1999), que os professores de alunos surdos não possuem muito conhecimento a respeito da língua escrita, e buscam ensinar com métodos ultrapassados inclusive para alunos ouvintes. Isso acontece devido à escassez de oportunidade de estudo da língua escrita como objeto de conhecimento, como expressão de uma prática social e como instrumento de linguagem para o desenvolvimento cognitivo, restringindo-a a um conteúdo acadêmico.

Dito isso, é necessário considerar que a interação linguística não se dá em um vácuo social, mas sim em um dado momento e em um dado espaço. É necessário ir além da língua para compreender os estudantes surdos em seu contexto sócio-histórico-cultural, e, a partir disso, utilizar-se de práticas de ensino adequadas. Somente assim será possível o desenvolvimento de trabalhos apropriados de língua escrita para esses alunos (DORZIAT; FIGUEIREDO, 2003).

Através dessa experiência é possível perceber que as práticas de ensino diferem de aluno para aluno, mesmo entre um determinado público, como ouvintes ou surdos, sendo imprescindível levar em conta as particularidades de cada um para a obtenção de um aprendizado de qualidade.

4. CONCLUSÕES

O PIBID tem nos proporcionado uma experiência não só na rede pública, mas com o ensino de alunos surdos, algo com o qual, até pouco tempo, não tínhamos qualquer vivência. Além disso, integrar esse programa nos possibilita relacionar teoria e prática no cotidiano da escola durante a nossa formação como futuros professores de língua portuguesa, além de nos possibilitar o contato com a diversidade na educação especial.

As bases de dados sobre a aprendizagem da língua portuguesa como uma língua adicional para estudantes surdos são parcias. Trabalhar essas especificidades nos permite pensar a língua como um instrumento que soma conhecimentos àqueles já pertencentes ao sujeito, levando em conta o meio, as relações cotidianas e as identidades que um indivíduo assume ao longo de sua vida (SOLER, 2022).

A partir da perspectiva de educação bilíngue, mostra-se evidente uma necessária reflexão, inclusive na formação de professores de língua portuguesa, a respeito da prática pedagógica para o ensino do português como segunda língua. Em tal contexto, é necessário considerar-se o aporte cultural do aluno, bem como garantir que as representações visuais sejam prioridade nessa abordagem. Ademais, é inegável a importância ainda da formação continuada e específica de professores para o ensino de língua portuguesa voltado à comunidade surda,

buscando capacitar os docentes para que estes possam oferecer aos alunos um aprendizado da língua portuguesa de qualidade e realmente significativo.

Participar do PIBID com o ensino do português para alunos surdos é uma experiência que contribui na formação de estudantes do curso de Letras. Além disso, uma experiência humana e pedagógica, um exercício coletivo para os dois sistemas de formação, a universidade e a escola.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, D.; LACERDA, C.B.F. Meu aluno surdo vai aprender português?: **oficina de língua portuguesa como segunda língua para surdos**. São Carlos: EDESP-UFSCAR, 2022.

ALMEIDA, D. L.; SANTOS, G. F. D.; LACERDA, C. B. F. O ensino do português como segunda língua para surdos: estratégias didáticas. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 23, n. 3, p. 30-57, Set./Dez. 2015.

BRASIL. **LEI N° 10.436**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-Libras e dá outras providências. Publicada no Diário Oficial da União em: 24 de abril de/2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 8 de setembro de 2023.

DORZIAT, Ana; FIGUEIREDO, Maria Júlia Freire. Problematizando o ensino de língua portuguesa na educação de surdos. **Revista Espaço**, v. 18, p. 19, 2003.

LACERDA, C.B.F; SANTOS, L.F; CAETANO, J.F. Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos. In.: **Tenho um aluno surdo e agora? Introdução à Libras e educação de surdos**. Ogs: Cristina B. F. de Lacerda e Lara F. dos Santos. São Carlos: EdUFSCar, 2013.

SANCHEZ, C. La lingua escrita: ese esquivo objeto de la pedagogia. In: SKLIAR, C. (org.). **Atualidade da educação bilíngüe para surdos**: interface entre pedagogia e lingüística. V. 2, Porto Alegre: Editora Mediação, 1999.

SANTOS, T.M.S.; JOAQUINA, M.P.C.M.; FRONZA, C.A. Base Nacional Comum Curricular e o ensino de língua portuguesa para alunos surdos, usuários de LIBRAS. **VII COGITE - Colóquio sobre Gêneros e Textos**. Evento On-line, UNISINOS, 2020.

SOLER, Priscila Silveira; DE OLIVEIRA MARTINS, Vanessa Regina. Língua portuguesa como língua adicional para surdos e o seu aprender em articulação com a Libras como língua matriz. **Revista Educação Especial**, v. 35, p. 1-21, 2022.